

Centro e centralidades em foco: um olhar acerca do Gávea Centro e suas centralidades no Setor Sul de Uberlândia-MG

Lidiane Aparecida Alves

Professora Doutora, UFU, Brasil
lidianeaa@yahoo.com.br

Recebido: 7 de maio de 2024

Aceito: 31 de julho de 2024

Publicado online: 23 de outubro de 2024

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral explorar a dinâmica urbana e as diferentes concepções de centro e centralidade; já os objetivos específicos são abordar o surgimento de novas centralidades e sua dialética no movimento contínuo de produção do espaço na cidade e destacar a centralidade como possibilidade de melhoria da qualidade de vida urbana. Dado o seu caráter de esforço reflexivo, se apoia metodologicamente em revisão de bibliografia e breve abordagem sobre a realidade empírica de Uberlândia-MG. Ele não possui a finalidade de esgotar o arcabouço teórico sobre o tema, mas se trata mais de uma breve interpelação, um convite ao debate. O texto encontra-se dividido em três partes, além da introdução. Inicialmente, aborda a conceituação cidade e urbano, de modo a destacar a constante mudança na estrutura das cidades, bem compreendida no tópico seguinte, que aborda os conceitos de centro e centralidade. Na parte a seguir, são aventadas possibilidades inerentes às centralidades. Já o último tópico, por sua vez, discute-se, com base nas teorias apresentadas, a conjuntura do Setor Sul da cidade de Uberlândia-MG, onde ser-se-á constituído o Gávea Centro com as suas centralidades: Villa Gávea, Park Gávea e Gávea Garden.

PALAVRAS-CHAVE: Novas Centralidades Planejadas. Centro Integrado. Dinâmica Urbana. Estrutura Urbana.

1 INTRODUÇÃO

Este texto aborda as dinâmicas que permeiam o urbano e a cidade, tem como foco o centro e a centralidade urbana, entendendo o centro como forma espacial e a centralidade enquanto importante processo. Sua evolução, ao longo do tempo, relaciona-se com a expansão/crescimento da cidade e com a descentralização. Parte-se do princípio de que a cidade é o espaço de produção, circulação e consumo, enquanto a centralidade é a sua essência. A partir da divisão social do espaço, ou seja, da espacialização das atividades e das relações/práticas sociais inerentes à vida cotidiana, cria-se diferenciações tanto a nível social como espacial. Quer dizer, ao aglomerar “coisas diferentes”, símbolos e signos, a centralidade cria o espaço diferencial (e não homogêneo), onde são visíveis os contrastes, a diversidade e as diferenças (Lefebvre, 1999).

Ainda com base em Lefebvre (1999), compreende-se que a centralidade se expressa no movimento dialético, o qual está fundamentado em relações que constroem e destroem, criam ou estilhaçam a cidade, a partir da aproximação de várias formas/conteúdos, conseqüentemente transformando a estrutura urbana. O centro da cidade origina-se da concentração e centralização, sendo que a disputa por sua “centralidade”, dado o seu valor simbólico e material, leva à sua especialização, transfiguração e envelhecimento, como no caso do centro principal das cidades, expressão máxima da centralidade intraurbana.

Por outro lado, anunciando as diferentes dinâmicas econômicas, sociais e culturais surgem as novas centralidades urbanas em um alhures, as quais podem vir a ser o centro principal, posto que concentram, em um processo de coesão funcional, em determinado local, uma gama de atividades e serviços distintos e inter-relacionados, potencialmente acessíveis aos diferentes cidadãos e com impactos significativos em dimensões como: estrutura urbana, integração social e qualidade de vida.

No contexto atual, de redefinição de práticas espaciais, ganham destaque novas concepções centro e de centralidade nas cidades, incluindo as centralidades planejadas, pautadas no prestígio do lugar, abarcando atividades lúdicas e simbólicas e as centralidades

interativas. Segundo essas novas concepções de centro e centralidade, foram concebidas para o Setor Sul da cidade de Uberlândia- MG: o Gávea Centro com as suas centralidades: Villa Gávea, Park Gávea e Gávea Garden. As referidas centralidades foram estruturadas para serem complementares e formar a “tríade da conectividade” e/ou “tríade da interatividade”, a partir de intervenção planejada em área de expansão urbana, com centralidades já constituídas ou não (Alia Empreendedores, 2023). Ademais, segundo a Alia Empreendedores (2023), tais centralidades têm foco na gentileza urbana, isto é, na valorização das comunidades locais, buscando atender às demandas pontuais de acordo com o perfil dos moradores e dos frequentadores, promovendo interações positivas e favorecendo a todos.

Ao considerar a concepção e a implementação de tal proposta, incluindo a possibilidade de fomentar a integração entre os espaços e a interação social, valorizando a diversidade local, ainda que de modo parcelar, nesse texto são aventadas hipóteses. Essas podem ser possíveis-impossíveis futuramente, a partir do movimento, temporal e espacial, e de tendências gerais e específicas. Nesse sentido, este artigo tem como objetivos explorar a dinâmica urbana e as diferentes concepções de centro e centralidade; abordar o surgimento de novas centralidades e sua dialética no movimento contínuo de produção do espaço na cidade e destacar a centralidade como possibilidade de melhoria da qualidade de vida urbana. Metodologicamente, apoia-se em revisão de bibliografia e breve abordagem sobre a realidade empírica de Uberlândia-MG, cidade localizada na região do Triângulo Mineiro, com 713.232 habitantes (IBGE, 2022), a segunda mais populosa do estado, menor apenas do que a capital mineira, Belo Horizonte.

2 CIDADES EM MOVIMENTO: metamorfoses do espaço urbano ao longo do tempo

Para iniciar, é importante uma breve clarificação de alguns conceitos. No que tange ao urbano e à cidade, tem-se que “o urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo”. A cidade é o particular, o concreto, o interno, “é, ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com o qual se confunde” (Santos, 2004, p.34-35).

Em relação ao urbano, acrescenta-se ainda que ele é socialmente construído, multifacetado e se manifesta como movimento. Segundo Lefebvre (1999, p.157), ele “não pode ser definido nem pela soma ou síntese, nem pela superposição delas. Nesse sentido, ele não é totalidade” e, por isso, não se deixa apreender. Já a cidade vista enquanto uma totalidade, um “sistema” aberto dinâmico e um fenômeno social singular (Scott, 2014 [2008]), com tensões e possibilidades, constitui, segundo Souza (2005, p.192), uma realidade sócio-espacial complexa, onde tudo centraliza. Ou ainda, nas palavras de Corrêa (1989), é o palco e o resultado de ações complexas e contraditórias, que derivam da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e dos conflitos de classe que dela emergem.

À vista disso, segundo Santos (2004), entre as histórias do urbano, estaria a história das atividades que na cidade se realizam e, entre as histórias da cidade, estaria a história da centralidade, as quais juntas nos dariam uma teoria específica, cuja construção requer os conceitos/categorias: espaço, tempo e movimento. A apreensão do que é espaço considera o

resultado do casamento indissolúvel entre sistemas de objetos (instrumentos sociais) e sistemas de ações (práticas sociais), resultando na "diferenciação espacial". Em relação ao que é tempo, esse pode ser dividido em períodos, ou seja, "pedaços de tempo submetidos à mesma lei histórica, com a manutenção das estruturas"; e de modo inter-relacionado, o movimento consiste nas transformações. Deste modo, "história da cidade é a história de sua produção continuada" (Santos, 2004), que ocorre influenciada pelas condições materiais, relacionadas com as estruturas sociais e conteúdo ideológico de determinada sociedade.

A cidade e sua organização interna, segundo Scott (2014 [2008]) e Santos (2008, p.220), expressa de modo fiel uma realidade econômica e social definida em determinado contexto histórico. Portanto, abarca a "complexificação do espaço e do tempo, pois a complexificação do espaço e dos objetos que o ocupam não ocorre sem uma complexificação do tempo e das atividades que nele se desenvolvem" (Lefebvre, 1999). Após a década de 1980, com o advento do processo de globalização, entendido como realidades e fenômenos que distinguem a época atual dos períodos anteriores (Santos, 1999), as estruturas produtivas atravessaram transformações que são múltiplas, diversas, complexas e perpassam dimensões multi e interescares, que têm implicações sociais e territoriais, vistas no urbano e na cidade.

Nesse sentido, Santos (2004) fala de uma nova urbanização, com maior grau de diferenciação e complexidade, considerando as escalas intra e interurbanas, em função do aumento da quantidade de trabalho intelectual e do consumo, tanto o consumptivo, aquele que se esgota com ele próprio, como do consumo produtivo, o qual é necessário à produção no campo modernizado que incorporou a ciência, a técnica e a informação e requer máquinas, implementos, componentes, insumos materiais e intelectuais. Esses consumos, de acordo com o autor, criam demandas heterogêneas segundo os estratos de renda e subespaços, respectivamente, gerando efeitos que se sobrepõem e contribuem "para ampliar a escala da urbanização e para aumentar a importância dos centros urbanos, fortalecendo-os tanto do ponto de vista demográfico, quanto do ponto de vista econômico" (Santos, 2004, p.74).

Por conseguinte, na cidade e no urbano, tendo como base a informação, ou o "conhecimento empírico da simultaneidade dos eventos e o entendimento de sua significação [...], os atores hegemônicos da vida econômica, social e política podem escolher os melhores lugares para sua atuação" (Santos, 1999, p.9). Com isso, conformam-se e/ou consolidam-se novas centralidades, intra e interurbanas, que resultam em alteração das hierarquias e organizações espaciais, analisáveis a partir das horizontalidades (baseadas na continuidade, solidariedade orgânica entre os pontos com funcionalidades diferentes que se agregam) e das verticalidades (estabelecem em pontos separados uns dos outros, a partir de comandos/racionalidades externas). Afinal, segundo Santos (1994, p.129-130):

A cidade constitui, em si mesma, o lugar de um processo de valorização seletivo. Sua materialidade é formada pela justaposição de áreas diferentes equipadas [...]. Cada lugar, dentro da cidade, tem uma vocação diferente, do ponto de vista capitalista, e a divisão interna do trabalho a cada aglomeração não lhe é indiferente.

No período atual, algumas das mudanças mais importantes nas/das cidades, considerando as suas estruturas econômicas e demográficas, mas também, com frequência, a sua constituição

física, têm suas raízes em modificações estruturais das atividades econômicas e nas circunstâncias especiais em que as cidades estão crescentemente implicadas nos processos de globalização (Scott, 2014 [2008]). O autor acrescenta ainda que “quanto mais a economia urbana se mostra capaz de conquistar mercados distantes, mais ela se torna capaz de crescer e se diferenciar internamente, reforçando, por sua vez, seu magnetismo aglomerativo” (Scott, 2014 [2008], p.13).

O entendimento dessa dinâmica atual requer que se considere a ideia e a realidade das redes, a noção de espaço reticulado, mediante o qual “a aposta não é a ocupação de áreas, mas a preocupação de ativar os pontos... e linhas, ou de criar novos” (Durand; Levy; Retailié, 1992, p. 21 *apud* Santos, 1999, p.13). As redes foram utilizadas por Castells (1999) para qualificar a sociedade característica do século XXI, baseada nas tecnologias, que permitem mais possibilidades de deslocamentos e buscas por novas experiências e oportunidades em múltiplas escalas.

Nesse entendimento, ao considerar as dinâmicas de interações espaciais interescolares na rede urbana, Catelan (2013) propõe a noção de heterarquia¹ urbana. Tal perspectiva visa a superação da visão meramente hierárquica das interações espaciais em rede e considera os pontos-nós de encontros e as articulações de múltiplas escalas, ou seja, para além das hierarquias tradicionais e combinando com elas, as cidades, mais integradas ao capitalismo globalizado, se articulam em escalas geográficas diversas. Nessa conjuntura, as cidades médias têm seu papel regional reforçado e podem alcançar a escala internacional de maneira intensa e profunda.

Com foco na organização interna da cidade, onde “a interdependência entre áreas funcionalmente diferenciadas e polarizadas pelo centro está a ser substituída por relações complexas entre bens, serviços e lugares ligados pelos padrões da vida social e a continuidade centro-periferia deu lugar à organização em rede” (Barata-Salgueiro, 2023, p.67), *mutatis mutandis*, a noção de heterarquia também se aplica para repensar as concepções de centro e centralidade urbana em seus modelos clássicos. Afinal, as “novas centralidades” tendem a se adaptar para atender às demandas clássicas, como acesso/funcionalidade a partir da proximidade, e às demandas novas, como as trocas materiais e imateriais baseadas na conectividade, a partir de redes e de ferramentas *online* e/ou digitais, gerando múltiplas articulações.

2.1 Ponderando os conceitos de Centro e Centralidades na cidade contemporânea

Em diferentes espaços e momentos da história, desde a gênese até a continuidade da expansão da cidade, o centro se difere de qualquer outra parte da cidade por sua forma e seu conteúdo. Facilmente reconhecido no tecido urbano, no centro estão atividades da administração pública e os templos mais importantes, sendo que a sua emergência se deu a partir da concentração das principais atividades econômicas e dos fluxos urbanos e regionais em uma mesma área, podendo ser qualificado como integrador e dispensor ao mesmo tempo (Sposito, 1991). Ele é o resultado do processo de centralização de uma economia de mercado

¹ Márcio José Catelan teve como base a ideia de heterarquia apresentada, com outros objetivos por Armand Dreifuss, no ano de 2001. Sobre o conceito, Catelan (2013, p.18) esclarece que: “o prefixo ‘hetero’ significa o que é diferente ou diverso. A palavra ‘heterarquia’ não pode ser encontrada em dicionário, e, se fosse, por normas de utilização desse prefixo, o correto seria ‘heteroarquia’, correspondente antônimo do significado de ‘hierarquia’. Entretanto, não é o caso do conceito ‘heterarquia’ tomado para demonstrar também o diferente e/ou diverso, mas não fazendo oposição à hierarquia encontrada na rede urbana”.

dominada pelo capitalismo industrial, característico da cidade moderna, que tem as ligações com o mundo exterior ampliadas, qualitativa e quantitativamente (Corrêa, 1989).

Esse centro, que pode ser designado de várias maneiras como: centro primaz ou/e centro histórico, centro tradicional e/ou centro velho, centro de negócios (CBD), centro principal, etc. e, especificamente a centralidade, não coincidem, necessariamente, com o centro geográfico da cidade (Guimarães; Cachinho, 2023).

O “centro” pode ser compreendido a partir de duas possibilidades analíticas: como centro tradicional ou como centro principal, de tal modo o velho centro é, ou foi, tanto o centro tradicional quanto o principal (Whitacker, 2013). Assim, segundo o autor: “a perspectiva do centro tradicional implica que reconheçamos permanências, em formas e/ou processos, em oposição, ou destaque, a outros centros modernos. No que concerne ao centro principal, a primazia seria o elemento valorizado e caracterizar-se-ia pela concentração de atividades e/ou pela centralização de processos” (Whitacker, 2013, p.283).

Entretanto, a excessiva concentração levou à saturação e à ruptura do velho centro, a qual culminou na descentralização, que, combinada com outros processos, tem implicado em modificações de tendências seculares e na criação de novos centros, que podem vir a ser o principal. Afinal, o centro enquanto forma espacial não possui um caráter fixo num ponto geográfico. Assim como afirmou Villaça (2001, p.238), “nenhuma área é ou não é centro; como fruto de um processo – movimento (dialético) – torna-se centro. No social, nada é; tudo torna-se ou deixa de ser”.

Um quadro interpretativo para o centro e as múltiplas centralidades urbanas é proposto por Barata-Salgueiro (2013). Nele, o centro pode ser analisado em função de três dimensões analíticas: a geométrica, a funcional e a simbólica, separadas por conveniência de análise, mas inter-relacionadas e presentes em todos os centros urbanos. Na geométrica, uma das dimensões mais importantes, destaca-se a acessibilidade, no sentido das conectividades que possibilitam a rapidez e facilidade que, conseqüentemente, reflete na dimensão e posição hierárquica do centro. A dimensão da funcionalidade está relacionada com a concentração de funções diversificadas, que são apropriadas e usadas para a produção do espaço, para a realização do capital e a para a reprodução da vida. Por fim, a dimensão simbólica está associada ao prestígio do lugar, que atrai grupos de elevado capital econômico, mas também grupos desprovidos de capital econômico, porém com capital cultural. Logo, a autora destaca que “a valorização crescente dos sentidos dos lugares na sociedade de consumo contribui assim para a proliferação de novas centralidades definidas por grupos e formas de capital diferentes” (Barata-Salgueiro, 2013, p.17). Ademais, destaca que:

[...] a palavra ‘centro’ se refere a uma entidade, a uma localização com forte poder de atração de pessoas e com determinadas propriedades geométricas, enquanto ‘centralidade’ remete para outro tipo de propriedades apostas a essa geometria e que reforçam a sua atração. A evolução do conceito foi no sentido da valorização destas últimas a ponto de suplantarem as da geometria. De facto, a evolução semântica que se registrou na literatura de caráter geográfico de ‘centro’ ou ‘lugar central’ para ‘centralidade’ parece corresponder à vontade ou necessidade em sublinhar outras dimensões que não apenas a da geometria das distâncias ou das acessibilidades, mesmo estando presentes na ideia de centro urbano desde há muito, como é o caso de características do foro social como o prestígio (Barata-Salgueiro, 2013, p.14).

Vários foram os estudiosos que contribuíram para o entendimento sobre a centralidade urbana, a qual é a essência do urbano, historicamente constituída pela apropriação espacial dos lugares dentro da cidade. Nela, diferentes grupos e interesses² se entrelaçam e, dialeticamente, constroem e destroem a centralidade, em conformidade com as características do sistemas ideológico, político, econômico e tecnológico vigentes.

De tal modo, a centralidade não tem uma forma específica e não está limitada a uma única localização física, mas sim à distribuição de atividades e funções distintas e inter-relacionadas, potencialmente acessíveis aos cidadãos de diferentes partes da cidade. A memória e a dimensão simbólica também estão associadas à centralidade, que é revelada e sustentada pelos fluxos decorrentes do uso, apropriação e sentido dados aos espaços e deles apreendidos (Sposito, 2001, 2005). Portanto, recorrendo aos termos de Lefebvre (1999, p.157), “A centralidade define o *u-tópico* (o que não tem lugar e o procura). O *u-tópico* define a centralidade.”

Uma vez terminado o percurso acerca dos conceitos de centro e centralidade, passa-se à abordagem de como elas se materializam nas cidades contemporâneas. Logo, intrínsecas às características do atual período, considerando as grandes e médias cidades, onde há a “passagem de uma cidade mono ou multicentral, para a composição de espaços urbanos cada vez mais apoiados em estruturas policêntricas, em múltiplas escalas, da urbana à interurbana” (Sposito, 2013).

Portanto, em conformidade com as diferentes dinâmicas sociais e culturais do presente, nessa nova estrutura, multi(poli)cêntrica ou policêntrica³ de muitas das cidades contemporâneas, que têm uma natureza fluída, adaptável e interações espaciais heterárquicas, existem várias áreas de centralidade, muitas vezes planejadas estrategicamente pelos agentes públicos e privados que produzem o espaço urbano. Algumas dessas centralidades são especializadas, por exemplo, nos serviços de ócio e lazer, e outras diversificadas, porque combinam funções diversas como: comércio e escritórios ou habitação-comércio e escritórios, e ainda serviços educacionais, culturais e de lazer, além de outros diferentes tipos de centros, como os médicos ou de saúde (Barata-Salgueiro, 2013). Como decorrência, podem emergir espaços multifuncionais e interconectados de maneira multiescalar, gerando “intensas economias de aglomeração que estabelecem um vigoroso campo gravitacional” (Scott, 2014 [2008], p.12).

As relações de integração entre as áreas centrais podem ocorrer pela

[...] apropriação atomizada, com cada nova área ou eixo especializando-se, e sendo assim apropriados pelas práticas espaciais. Neste caso, as práticas espaciais estabeleceriam, ou não, fluxos entre os espaços que expressam centralidade, mais do que aqueles estabelecidos entre empresas e órgãos e possibilitados pelos meios e sistemas de transporte. Em segundo lugar, o estabelecimento de ações suplementares entre as empresas e os fluxos advindos desta complementaridade, expressas em relações de tipo predominantemente hierárquico entre empresas e órgãos e suas

² Segundo Sposito (2001) esses são: imobiliários na construção de novos equipamentos comerciais e de serviços; acelerada expansão territorial urbana, gerando tecidos descontínuos e fragmentados; ampliação da diferenciação socioespacial e na melhoria das formas de transporte, com destaque para o aumento do uso do transporte individual.

³ A partir de uma perspectiva crítica sobre a atual forma de produção do espaço urbano, Sposito (2013, p.56) ressalta que “esse movimento que redefine a centralidade, em termos de localização de novas áreas centrais (muitas vezes periféricas), e sobretudo em termos de conteúdo social e econômico, não pode ser conceituado apenas como multicentralidade (fiel ao radical latino *multi*, que significa *muitos*), mas tem que ser entendido como policentralidade (atinente ao prefixo grego *poli*, cujo significado, *vários*, denota o sentido de diversidade), sendo que uma tendência sempre se combina à outra, mesmo que contraditoriamente, fazendo surgir uma multi(poli)centralidade”.

filiais ou subsidiárias localizadas nas diferentes áreas centrais. Aqui devemos compreender que a relação de hierarquia se daria mais entre as unidades da empresa instaladas em diferentes áreas centrais, que entre elementos da estrutura urbana (centro principal e subcentros). Mais que a complementaridade firmada pelos agentes, tem-se aquela das lógicas das empresas (Whitacker, 2013, p.296).

Essa rede de áreas centrais da cidade multi(poli)nucleada apresenta conteúdos/qualidades diferenciadas que se manifestam espacial e temporalmente de maneira individualizada, bem como está ligada por fluxos de várias ordens, relacionados com as novas lógicas espaciais econômicas. Tais lógicas suscitam e são condicionadas por redefinição de práticas espaciais de consumo, associadas à mudança nos usos do tempo e ao papel do consumo na sociedade contemporânea, instrumentalizado para distinção social e pertencimento a grupos, no quadro da crescente produção e apropriação simbólica da cidade (Baudrillard, 1991; Barata-Salgueiro, 2013).

Portanto, conforme destacam vários autores como Lefebvre (1999), Sposito (2008, 2013), Whitacker (2013), recria-se, multiplica-se e desdobra-se a centralidade em áreas da cidade, que adquirem condições e qualidades centrais, inclusive podendo apresentar poder centralizador maior do que a própria área central, em decorrência da presença de equipamentos urbanos e, conseqüentemente, atração de fluxos e de articulações variadas. Desse modo, há um aumento da complexidade no centro e na periferia, além de mudanças na relação centro-periferia, ou seja, a definição do que é ou não centro passa a ter como base, sobretudo, o valor de uso e os conteúdos para a reprodução da vida cotidiana. Assim, a posição geográfica adquire valor secundário para definição de onde está o centro, posto que algumas áreas urbanas podem se tornar centros de prosperidade, enquanto outras enfrentam a estagnação e/ou o declínio.

2.2 O caleidoscópio de centro e centralidade como possibilidade para as cidades

Conforme exposto anteriormente, o urbano e a centralidade (sua essência) possuem natureza dialética e contraditória. Dessa maneira, as transformações na estrutura urbana, de monocêntrica para multi(poli)cêntrica, podem ocorrer sob vários pontos de vista. Isso posto, parte-se da perspectiva que considera a centralidade como possibilidade de mudanças do paradigma de cidades, como processos que viabilizem cidades melhores para se viver.

A emergência de novas centralidades tem influência direta das mudanças econômicas, sociais e ideológicas, dentre as quais estão: as mudanças demográficas, tanto o aumento da população em determinadas áreas, que pode criar demanda por novos serviços, comércios e infraestrutura, quanto o envelhecimento populacional, que demanda serviços de saúde e lazer; as transformações nos estilos de vida com mudanças em relação ao local de trabalho, moradia, lazer e consumo, que podem impulsionar o desenvolvimento de novas áreas comerciais e culturais; a acessibilidade e mobilidade urbana, considerando a construção de vias de acesso e o oferecimento de transporte público, incluindo o sob demanda, como micro-ônibus ou serviços de transporte compartilhado, que se ajustam às necessidades de deslocamento da população em horários e rotas específicas; o desenvolvimento tecnológico e a emergência de setores criativos; além do planejamento urbano estratégico e do empreendedorismo que criam e ofertam espaços em conformidade com as demandas de determinado momento.

Com relação à acessibilidade, dimensão basilar para a centralidade, conforme destaca Padeiro (2023), trata-se de um conceito complexo, relativo e abarca uma gama de dimensões e diferentes componentes como o sistema de mobilidade, o sistema de localizações ou os padrões de ocupação do solo e as características dos indivíduos. Logo, para aumentar a acessibilidade, deve-se ter em conta as particularidades dos diversos grupos sociais, o aumento da capacitação das pessoas, as intervenções que aumentam a presença de serviços e amenidades. A relatividade da acessibilidade decorre do fato de que:

[...] o seu aumento em determinadas áreas da cidade implica necessariamente a sua diminuição, por comparação, noutras áreas. Do mesmo modo, o seu aumento para determinados modos de transporte pode levar à sua diminuição através do uso de outros modos. Apesar de frequentes veleidades de romper com o *status quo* social, a acessibilidade imprime e reproduz no espaço os desequilíbrios anteriores: o que é (ou se torna) mais acessível é (ou torna-se) mais caro. A procura de mais acessibilidade pode assim reforçar a anisotropia do espaço, isso é, a sua heterogeneidade (Padeiro, 2023, p.281).

Não obstante, a acessibilidade deve ser buscada, afinal, nos termos de Padeiro (2023, p.284), “ter ou não ter acesso a um lugar, e sobretudo aos recursos e oportunidades que o mesmo proporciona, pode fazer muita diferença em termos econômicos, culturais e de saúde”, pois

[...] as lojas de alimentação saudável, os equipamentos desportivos e as áreas verdes influenciam os comportamentos e proporcionam, por isso, a possibilidade de reduzir alguns factores de risco como a ausência de prática de actividade física ou o isolamento social. Uma baixa acessibilidade a esses recursos pode significar, por exemplo, que as pessoas se alimentam de forma menos equilibrada, praticam menos actividade física, passeiam menos num ambiente relaxante. As diferenças na mortalidade evitável, nas doenças cardio-vasculares ou na saúde mental podem assim sair reforçadas (Costa, Tenedório, & Santana, 2020; Lourei-ro, Santana, Nunes, & Almendra, 2019; Santana, Costa, Mari-Dell’Olmo, Gotsens, & Borrell, 2015; P. Santana, Santos, & Nogueira, 2009).

Em perspectiva convergente, segundo Vargas (2020, p.3), as atividades têm rebatimentos espaciais, posto que “são ao mesmo tempo causa e consequência do deslocamento de pessoas, bens e serviços no território, refletindo-se enfaticamente na qualidade de vida urbana”. A partir das afirmações acima, pode-se apreender que as centralidades urbanas podem, virtualmente, desempenhar importante papel na redução das disparidades socioeconômicas em uma cidade. Nessa orientação, devem ocorrer estratégias e abordagens, como o oferecimento da infraestrutura urbana básica, além do acesso a oportunidades de trabalho e a serviços essenciais como educação, saúde, lazer e comércio, para residentes de áreas próximas, reduzindo a necessidade de longos deslocamento e as disparidades no acesso a esses recursos, que são fundamentais para um padrão de vida mais equitativo. Também cabe mencionar a possibilidade de integração social e as atividades comunitárias em espaços públicos, proporcionando a diversidade e a inclusão, reduzindo barreiras sociais e econômicas que, por conseguinte, possibilitam o engajamento e a participação comunitária.

Esse aspecto é reforçado, hodiernamente, considerando diferentes paradigmas, um deles é o amplo conceito: “Cidade de 15 Minutos”, cunhado em 2016, pelo professor da Universidade Panthéon Sorbonne, Carlos Moreno. Nesse conceito, segundo uma perspectiva de “crono-

urbanismo⁴”, há a preocupação com a relação espaço-tempo nas cidades e, por conseguinte, com a redução de longos, demorados, dispendiosos e desnecessários deslocamentos realizados pelos cidadãos, da/para as seis funções sociais urbanas essenciais. São elas: (a) viver, (b) trabalhar, (c) comércio, (d) saúde, (e) educação e (f) entretenimento, que devem estar conectadas, atender às necessidades e ser acessadas por todos os grupos demográficos percorrendo um raio de deslocamento de até 15 minutos, seja a pé, de bicicleta – considera-se ainda o transporte público. Tal conceito tem como pilares: (a) hiper proximidade – redução das distâncias; (b) diversidade – na utilização do solo e das pessoas e culturas; (c) densidade – número ideal de pessoas que uma determinada área pode sustentar confortavelmente em termos de prestação de serviços urbanos e consumo de recursos; (d) onipresença – acessibilidade potencial para todos os cidadãos, especialmente considerando a participação dos residentes e a prestação de serviços em tempo real através de diversas plataformas – incluindo as digitais (Moreno *et al.*, 2021).

Tal conceito alinha-se com outros, que enfatizam a escala humana, caminhabilidade, as interações sociais entre os residentes e a sustentabilidade, conforme defendem Jane Jacobs na obra *Morte e vida das grandes cidades americanas* (2000 [1961]), Jan Gehl em trabalhos como *Cidades para pessoas* (2010), e outros estudiosos e/ou planejadores urbanos, que prezam pela melhoria da vitalidade urbana e promoção de cidades mais sustentáveis, humanas e acessíveis, em diferentes escalas, de toda a cidade até os bairros e as ruas.

Com a criação de parques, praças e locais públicos nos bairros, haveria maior interação e participação dos residentes, e, ao fazê-lo, ajudaria a colmatar a desigualdade social no acesso a tais instalações. O conceito considera ainda outras dimensões relacionadas a um menor tempo dispendido em deslocamentos, que seria proporcional a uma maior qualidade de vida, o que em última análise leva à construção de espaços mais resilientes e saudáveis (Moreno *et al.*, 2021).

A conjuntura aponta também para o reconhecimento da importância do Estado e das redes de solidariedade e proximidade, pensar em si e no outro. Em termos de organização da estrutura comercial da cidade, destaca-se a tendência de fortalecimento das centralidades urbanas, enquanto condição em que há a concentração de atividades para o atendimento das necessidades dos moradores em termos de bens e serviços. Além disso, cabe acrescentar que alguns conceitos relacionados ao espaço e ao tempo nas cidades, como os pares: centro e periferia, e espaço público e espaço privado, estão sendo/serão ressignificados.

Outro paradigma, que tem como base a circulação da informação, um dos elementos fundamentais do período atual, técnico-científico-informacional (Santos, 1999), conforme destaca Vargas (2022, p.8), é uma mudança em curso que caminha para uma “dispersão das áreas de centralidade, com intensidades variadas, temporárias e efêmeras, sem capacidade de polarização”. Assim, a autora destaca a tendência de que as centralidades sob demanda, moldáveis, adaptáveis ou flexíveis, de acordo com as necessidades variáveis da população e do ambiente sejam um novo

⁴ Há estudos que se referem à “Cidade de +-15 Minutos”, posto que o intervalo de tempo de 15 minutos não é particularmente importante, mas o essencial é focar no tempo e mudar planejamento urbano da abordagem clássica baseada na distância, em que as distâncias são medidas em metros ou quilômetros, para uma abordagem mais baseada no tempo, em que as distâncias são calculadas em minutos. Isso promove uma escala humana, mobilidade verde ativa e interações sociais. Fonte: https://www.c40knowledgehub.org/s/article/The-15-minute-city-International-experiences?language=en_US

paradigma para as cidades. No entanto, é importante lembrar que as cidades são espaços dinâmicos, complexos e conflituosos, sendo que tal questão pode apresentar, dialeticamente, várias facetas.

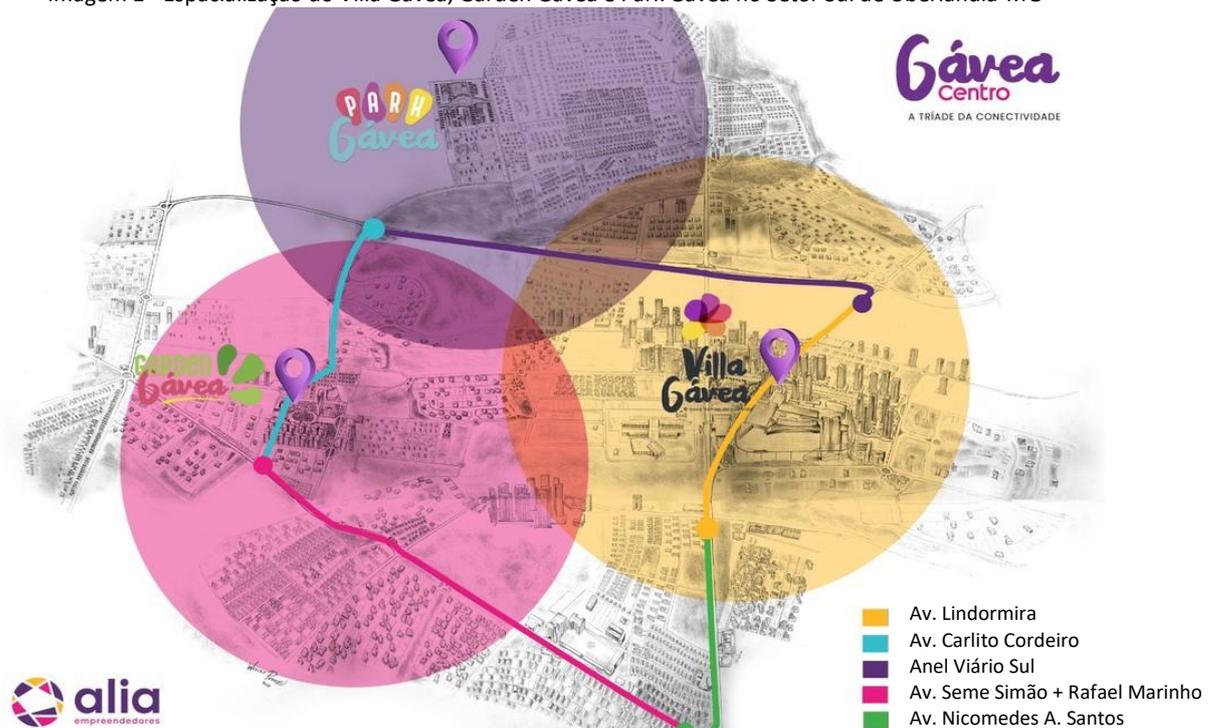
3 OLHARES PARA O SETOR SUL DA CIDADE DE UBERLÂNDIA-MG

Ao considerar o contexto da cidade de Uberlândia-MG, especificamente o seu Setor Sul, há a proposta da Alia Empreendedores⁵, que está em curso e é descrita em matéria publicada em 30 de agosto de 2023, no Jornal G1 Triângulo Alto Paranaíba, como um “mega projeto “Tríade da Conectividade”. Materializado no Gávea Centro, é formado por três centralidades: Villa Gávea, Garden Gávea e Park Gávea”, conforme mostra a imagem 1.

O referido projeto, ainda com base nas informações do G1, tem como proposta o estabelecimento de uma rede de centralidades interativas e complementares no atendimento das diferentes demandas do entorno imediato: “praça esportiva no Park Gávea, oferecendo moradias próximas às faculdades no Villa Gávea e espaços de lazer no Garden Gávea”. Sendo que a complementaridade ocorre porque cada uma das centralidades é voltada para um determinado público, de acordo com a sua classe social, cultura, vivências e outros aspectos particulares, enquanto a interação se fundamenta na diversidade, em sentido amplo: social, étnica, sexual, geracional, etc. e em seus encontros. Nesse sentido, essas três centralidades se complementam, se conectam, pois, são espaços abertos e democráticos, podendo ser utilizados por todos que o desejarem (Alia Empreendedores, 2023, s/p).

⁵ Empresa sediada em Uberlândia que atua em atividades de intermediação e agenciamento de serviços profissionais, científicos e técnicos, voltados para construtoras e incorporadoras. A partir de parcerias, a empresa tem expandido suas atividades para outras cidades brasileiras, como Uberaba-MG, Campinas-SP, Ribeirão Preto-SP e Sorocoba-SP, e para o Algarve em Portugal.

Imagem 1 - Espacialização do Villa Gávea, Garden Gávea e Park Gávea no Setor Sul de Uberlândia-MG



Fonte: Alia Empreendedores, 2023.

Ademais, ao serem projetadas com atividades de comércio e serviços, ambiente de lazer, parques, áreas esportivas e moradias voltadas para diferentes gerações e tamanhos de famílias, as centralidades “influenciam, valorizam e, acima de tudo, atendem às comunidades ao redor”, criando “valor para a coletividade”, assim como vislumbram a conformação de “um novo modelo de centro, inédito no Brasil, que não é apenas um espaço comercial; é um lugar para viver, aproveitar e se encontrar”. Esse modelo de centro interativo, o Gávea Centro, se fundamenta em um arranjo, em múltiplas redes, que são abertas à expansão, abarcando outras centralidades, já existentes ou que poderão existir, evitando assim a sua saturação (Alia Empreendedores, 2023, s/p).

Conforme aponta o texto acima, a tríade de centralidades, Villa Gávea, Garden Gávea e Park Gávea, pressupõe o respeito à diversidade, no sentido de que abarca o acolhimento às particularidades socioculturais. Assim, nos termos de Santos (2004), elas sugerem considerar a população compósita, o meio ambiente construído e a economia segmentada, mas única. Um desafio colossal, audacioso e necessário!

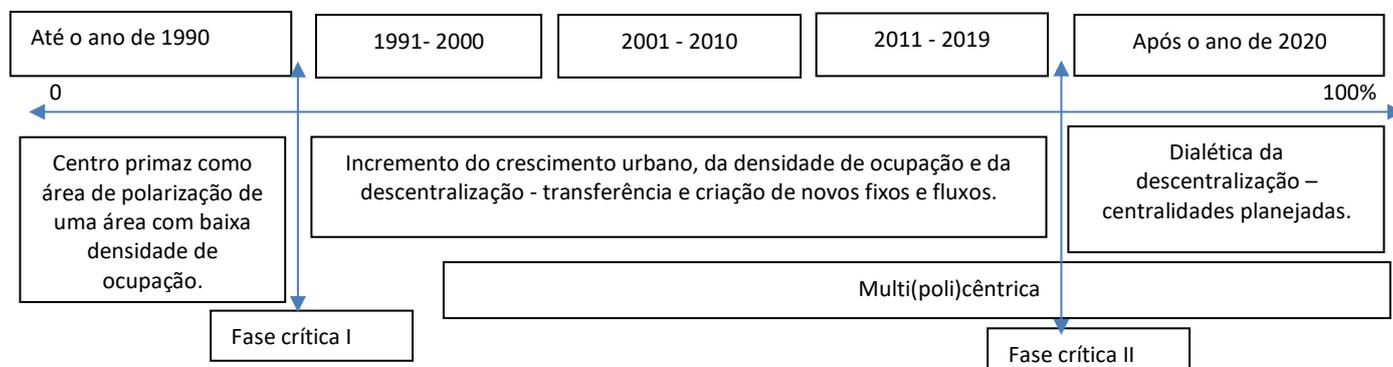
Em função de se tratar de um processo em curso, ainda que de modo parcelar, cabe se debruçar sobre a idealização/concepção, implementação/desenvolvimento e explorar o possível-impossível a partir de tal proposta.

Como ponto de partida para as ponderações, pode-se considerar um eixo⁶, fluxograma 1, que representa o movimento e que é, ao mesmo, temporal e espacial: espacial, no sentido

⁶ A idealização de eixo espaço-temporal para descrever o processo, situar e datar os cortes (relativos) tem como inspiração a proposta de Lefebvre (1999).

das características da estrutura urbana (da cidade monocêntrica à cidade multi(poli)cêntrica), portanto representa as modificações ocorridas no espaço; e temporal, pois representa diferentes momentos (o início da expansão urbana e da descentralização, instalação e constituição de novas centralidades).

Fluxograma 1 - Esquema espaço-temporal das modificações no Setor Sul de Uberlândia-MG.



Org: A autora, 2024.

Parte-se da ausência de centralidade no Setor Sul até a culminação do processo para a formação de um possível novo centro, a partir do acelerado processo de estruturação urbana. Ao longo desse eixo, há momentos de fronteira, fases críticas, entre o real/visível, portanto conhecido, e o virtual/desconhecido passível de conjecturações do possível-impossível.

No que concerne às mudanças na estrutura urbana são considerados, de modo relacionado, o padrão geral do crescimento da cidade⁷ e a constituição das centralidades, porque

Primeiramente, há que se considerar o crescimento territorial da cidade, ou seja, os ritmos e as formas da extensão do tecido urbano, que ampliam, mais ou menos, as distâncias em relação ao centro principal. Em segundo lugar, e de forma combinada ao primeiro movimento, há, contraditoriamente ou não, a distribuição da concentração ocupacional nos espaços urbanos, revelando mesclas de densidades dispostas de forma não equitativa nas cidades. As duas dinâmicas interferem numa terceira, a das formas de aglomeração entre núcleos urbanos. Tais mudanças redundam em reorientação das lógicas de circulação nas cidades, acompanhadas de segmentação da sociedade, no que concerne às possibilidades de acesso às diferentes áreas que compõem a base da conformação da centralidade, tanto no plano da cidade quanto no da rede e do sistema urbano (Sposito, 2013, p.48).

Assim sendo, no primeiro momento, estabelecido até a década de 1990, observa-se que o crescimento do Setor Sul de Uberlândia ainda não era intenso e ocorria, no geral, por extensão periférica, por exemplo, com os bairros Morada da Colina, Cidade Jardim⁸ e Jardim Karaíba⁹. A concentração ocupacional era baixa, com muitos lotes não edificadas e "vazios

⁷ Utiliza-se esse termo no sentido de que “as cidades crescem por renovação dos tecidos construídos, no geral com aumento da densidade de ocupação (*infilling*), e por extensão periférica. Mais recentemente a estes dois processos básicos veio juntar-se o que se pode designar por ‘projeções’ (*leapfrogging*), formas descontínuas em áreas mais afastadas” (Barata-Salgueiro, 2023, p. 67).

⁸ O início da ocupação que originou o bairro Cidade Jardim foi entre as décadas de 1970 e 1980.

⁹ O loteamento denominado Jardim Karaíba, que deu origem ao bairro de mesmo nome, data da década de 1980. Nesse bairro, foi implantado no ano de 1994 o primeiro condomínio fechado do Setor Sul.

urbanos". O UberShopping, inaugurado em 1987, foi o primeiro empreendimento de descentralização das atividades de comércio e serviços localizado no Setor Sul da cidade. Contudo, ele não se consolidou em função de alguns aspectos como ausência de acessibilidade e a densidade populacional relativamente baixa no Setor Sul.

A primeira fase crítica, no que concerne ao real, está relacionada com o início do processo de estruturação urbana, com intensa expansão do tecido urbano e descentralização das atividades terciárias. Há, como consequência, a redefinição dos conteúdos e reconfiguração da estrutura urbana, que começa a ficar mais complexa, com áreas dispersas e fragmentadas. O Setor Sul apresenta-se ocupado com descontinuidades, no sentido de unidade da cidade, com influências não apenas na paisagem física, mas também nas relações sociais e nas experiências cotidianas dos habitantes. No contexto de toda a cidade, surgem novas centralidades, mas, o centro primaz ou principal da cidade não perde a importância e a característica de ser a principal área comercial da cidade. Quanto ao que era possível para essa fase, aponta-se para pensar no papel dos cidadãos na criação e desenvolvimento socialmente justo da cidade.

Com tecido urbano disperso, desde os anos de 1990, o processo de estruturação urbana e da cidade¹⁰ de Uberlândia se incrementa, devido à descentralização/recentralização e instalação de novos espaços para as atividades de comércio e de serviços a partir da “modernização” trazida pela chegada de grandes capitais e novos empreendimentos” (Sposito, 2013), materializando o desdobramento da centralidade urbana em pontos e linhas da cidade.

No Setor Sul da cidade, no período de 1991 a 2000, intensifica-se tanto o aumento da densidade de ocupação quanto a descentralização. Nesse momento, destaca-se o surgimento de bairros como o Shopping Park¹¹ e de subcentros, como o São Jorge-Granada-Laranjeiras.

No período 2001-2010, assiste-se um grande incremento do crescimento populacional e, conseqüentemente, da expansão espacial, bem como de modo associado ao processo de descentralização, ao surgimento de novas centralidades a partir dos eixos comerciais, como a Av. Nicomedes Alves dos Santos, dos *shopping centers*, como o Uberlândia Shopping. Com base em Sposito (2013), cabe destacar que a implantação de *shopping centers* é particularmente importante para a redefinição da centralidade urbana e da estrutura centro-periférica, inicialmente nas metrópoles, mas atualmente nas cidades médias, nomeadamente naquelas que estão passando por mudanças importantes no processo de conformação de suas centralidades urbanas e interurbanas, como é o caso de Uberlândia-MG.

Entre 2011-2019, há que se considerar também a concepção de outras centralidades, que podem ser lúdicas e simbólicas (Whitacker, 2013), envolvendo experiências e prazer. Algumas podem ter contornos nas atividades de lazer e entretenimento, com foco no consumo hedônico e de experiências (Vargas, 2017, 2022). Elas podem assumir diversas formas e

¹⁰ Sposito (2013, p.49) retomando discussões anteriores (Sposito, 1996, 2005 e 2007) utiliza os termos “estruturação urbana e estruturação da cidade, para distinguir mudanças nos papéis e conteúdos (urbana) das alterações nos espaços, no que respeita às formas de seu uso e articulação entre elas (da cidade). A adoção do substantivo *reestruturação* fica reservada para os momentos em que é profundo e complexo o conjunto de transformações nessas estruturas”.

¹¹ O loteamento Shopping Park I e II surge em 1992. Sendo que compõem o bairro integrado: os Sítios de recreio Nossa Senhora Aparecida (parte) e Ibiporã (B, C e D), condomínios (como Park dos Jacarandás I e II, Park dos Ipês I e II, Gávea Sul, Residencial jardins e Varanda sul) e os loteamentos populares também denominados Shopping Park, que compõem a parte mais recente do bairro, criados em 2009, para atender ao Programa “Minha Casa, Minha Vida”.

desempenhar diferentes funções, refletindo a complexidade e a diversidade das atividades urbanas e buscando atender às necessidades variadas de uma população diversificada.

No Setor Sul de Uberlândia, destaca-se, para esse momento, a inauguração das *strip mall*¹². Nesse setor da cidade estão quatro das seis *strip malls* da cidade, a saber: Pátio Vinhedos, Shopping Village Altamira, Gávea Business e Galeria Jacarandás. Destaca-se ainda os centros especializados, como o Uberlândia Medical Center (UMC), caracterizado como um “centro de saúde multiplex”, que agrega diferentes atividades do setor de saúde, implantado em 2014.

Assim como em outras cidades médias, pode-se considerar, tendo como base as novas centralidades que surgiram no Setor Sul de Uberlândia, que:

As novas áreas ou eixos de concentração que expressam centralidade possuem a qualidade, ou a possibilidade, de serem distintas e, em alguns casos, complementares. A distinção se dá por características morfológicas, por diferenciação funcional, por segmentação socioeconômica. [...] (Whitacker, 2013, p.296).

Na segunda fase crítica, que tem como marco o pós-pandemia de COVID-19, observa-se uma cidade mul(poli)cêntrica, na qual o centro primaz ou tradicional começa a se transfigurar, envelhecer, especializar¹³ e perder relativamente sua importância. Por outro lado, ganham destaque outros paradigmas de centralidades, incluindo as planejadas e propostas como a das centralidades integradas, interativas e complementares ou “tríade da conectividade”. Essas últimas, conforme se apresentam, podem ser a possibilidade para fomentar a integração entre os espaços e a interação social. Elas contribuem para: (a) aumentar a coesão social, ao viabilizar que a sociabilidade entre os diferentes seja recuperada e valorizada; (b) para a vitalidade urbana ao agregar valor simbólico ao espaço e promover sentimentos de personalidade coletiva, respeito e confiança.

Mas, para tal, é preciso estar vigilante para assegurar, de fato, as relações de continuidade com o entorno, evitando que ocorra a materialização de relações pela contiguidade espacial, ou seja, de “centralidades sem continuidade com a estrutura socioespacial envolvente”, que constituem a lógica dos enclaves e da fragmentação socio-espacial (Barata-Salgueiro 1998, 2001 *apud* Barata-Salgueiro, 2023).

Assim sendo, nas centralidades devem ser estabelecidas, efetivamente e, sobretudo, relações pela continuidade espacial, ou seja, pelo uso do tempo e do espaço no que se refere às práticas de lazer, de compras, de convívio e sociabilidade por seus agentes. Assim, considera-se estruturas e objetos diversos em que haja interações espaciais com todo o seu entorno imediato na cidade e não apenas em fragmentos com certa homogeneidade.

Isso é condição fundamental para que não se perca a riqueza social do urbano e, por conseguinte, do centro, que é a soma de tudo o que existe, “o espaço público, enquanto lugar de informação e interação para todos, palco da diversidade e da pluralidade enriquecedora [...], um espaço de trocas, não apenas de bens, mas também, e principalmente, de ideias” (Barata-Salgueiro, 2023, p.74); para que os agentes encontrem a diferença na cidade e para que as

¹² São centros comerciais menores do que os *shopping centers*, que não têm enfoque em atividades de lazer, mas se destacam por sua localidade estratégica, praticidade e facilidade de acesso.

¹³ Oliveira (2008) e Alves (2011) mostram as áreas especializadas em serviços ligados à área da saúde, serviços financeiros, revenda de automóveis etc. presentes na área central de Uberlândia-MG.

promessas que o diferente proporciona na vida da cidade ocorram como condição para superar crises, conforme destacou Jacobs (2000), Gehl (2010) e Moreno (2016).

O esforço deve ser o de buscar entender “o espaço concreto é o do habitar: gestos e percursos, corpo e memória, símbolos e sentidos, difícil maturação do imaturo-prematuro (do ‘ser humano’), contradições e conflitos entre desejos e necessidades etc.” (Lefebvre, 1999, p.166), reconhecendo a presença de múltiplos pontos de referência e centros como elementos essenciais da identidade urbana, conforme explorou Kevin Lynch e a solidariedade, fundada nos tempos lentos da metrópole e que desafia a perversidade difundida pelos tempos rápidos da competitividade (Santos, 2004).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A centralidade como essência do urbano, que assegura o encontro, a aglomeração, a integração e a sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais diferentes consiste em um caleidoscópio para as cidades atuais e do futuro. Potencialmente, elas podem viabilizar melhorias econômicas, sociais e ambientais, com implicações nas condições de vida, dependendo de suas particularidades. Podem, inclusive, contribuir para a mitigação da segregação socioespacial e da desigualdade presentes nas cidades contemporâneas.

Assim sendo, ao considerar que as cidades são diferentes, sobretudo em termos de conteúdo social e econômico, em sua forma própria de organização, é preciso que cada uma crie a sua combinação e mistura de princípios e intervenções, que considere as suas complexidades e peculiaridades para a estruturação urbana, incluindo a constituição de novas centralidades e, por conseguinte, de áreas centrais.

Nesse sentido, destaca-se a importância de princípios como a valorização da complexidade e diversidade inerente às cidades, como a mistura de funções e as interações entre as pessoas. Por conseguinte, criação de sentimentos de respeito, confiança, inclusão, entre outros, que são essenciais à vitalidade urbana e para uma cidade mais justa, humana e gentil. Para além do já exposto, para quem utiliza o espaço e seus recursos, também são importantes dimensões como a acessibilidade, em seu sentido amplo, incluindo a continuidade com a estrutura socioespacial envolvente, considerando as interações espaciais com todo o seu entorno imediato.

No caso da cidade de Uberlândia-MG, o Gávea Centro é constituído por três centralidades: Villa Gávea, Garden Gávea e Park Gávea, com particularidades que atendem às demandas distintas, mas de modo integrado. Além de prever a interação com o entorno, trata-se de algo original e com muitos desdobramentos possíveis-impossíveis nas atividades que na cidade se realizam e na estrutura urbana. Portanto, ao considerar o projeto da Alia Empreendedores (2023) ao se constituir o centro, por ser interativo, Gávea Centro, ser-se-á diferente do centro tradicional, principal ou histórico, sem se apropriar dele ou desqualificá-lo. Mas, tornar-se-ão equivalentes em suas funções, conformando uma estrutura policêntrica para a cidade, tornando-a mais conectada, sustentável, democrática, acessível e inclusiva. Esse é o ideal e o que se espera quando se pensa na construção de uma cidade melhor para se viver!

5 REFERÊNCIAS

ALIA Empreendedores. Uberlândia: a nova metrópole do futuro já está sendo erguida. **G1 Triângulo Alto Paranaíba**, Uberlândia, 30 ago. 2023, Especial Publicitário, s.p. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/especial-publicitario/alia-empreendedores/noticia>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ALVES, L. A. **Os processos socioespaciais da zona periférica do centro**: um estudo da área central de Uberlândia (MG). 2011. 309 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BARATA-SALGUEIRO, T. Do centro às centralidades múltiplas. In: FERNANDES, J. A. R.; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto /CEGOT, 2013. p.13-30.

BARATA-SALGUEIRO, T. Olhares geográficos sobre a fragmentação urbana. In: SANTOS, O. A. A. dos; SILVA, K. S. do N.; MALHEIROS, J. (org.). **Geografia urbana: revisitando conceitos e temas**. CEG-IGOT-ULisboa, UFRPE, 2023. p.63-78. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/61349>. Acesso em: 05 jan. 2024.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede** (a era da informação: economia, sociedade e cultura). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATELAN, M. J. **Heterarquia urbana: Interações espaciais interescolares e cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579834608. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109282>. Acesso em: 05 jan. 2024.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios)

GEHL, J. **Cities for people**. Washington: IslandPress, 2010.

GUIMARÃES, P.; CACHINHO, H. O Comércio na Geografia Urbana. In: SANTOS, O. A. A. dos; SILVA, K. S. do N.; MALHEIROS, J. (org.). **Geografia urbana: revisitando conceitos e temas**. CEG-IGOT-ULisboa, UFRPE, 2023. p. 63-78. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/61349>. Acesso em: 05 jan. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**: população e domicílios : primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG; 1999.

MORENO, C. *et al.* Apresentando a “Cidade de 15 Minutos”: sustentabilidade, resiliência e identidade local em futuras cidades pós-pandemia. **Smart Cities**, v. 4, n. 1, p. 93-111, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/smartsities4010006>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2624-6511/4/1/6>. Acesso em: 05 jan. 2024.

OLIVEIRA, H. C. C. **Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias**: reflexões a partir de Uberlândia (MG). 2008. 365f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

PADEIRO, M. Acessibilidade. In: SANTOS, O. A. A. dos; SILVA, K. S. do N.; MALHEIROS, J. (org.). **Geografia urbana: revisitando conceitos e temas**. CEG-IGOT-ULisboa, UFRPE, 2023. p. 273-287. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/61349>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M., SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território. Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1994. p. 15-28.

SANTOS, M. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Território**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 5-20, jan./jun. 1999.

SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo** – globalização e meio técnico-científico e informacional. São Paulo: Hucitec, 2004.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCOTT, A. Metrópole ressurgente: economia, sociedade e urbanização em um mundo interconectado. **GEOgraphia**, v. 16, n. 32, p. 8-37, 2014 [2008]. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2014.v16i32.a13685>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SOUZA, M. L de. A cidade vista por dentro. *In*: SOUZA, M. L de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SPOSITO, M. E. B. **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente (SP): GASPERR/FCT/UNESP, 2001.

SPOSITO, M. E. B. Urbanização da sociedade e novas espacialidades urbanas. *In*: OLIVEIRA, M. P. de *et al.* (org.). **O Brasil, a América Latina e o mundo**: espacialidades contemporâneas (II). Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, Anpege, 2008. p. 61-72.

SPOSITO, M. E. B. Centros e centralidades no Brasil. *In*: FERNANDES, J. A. R.; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CEGOT, 2013. p.45-59.

VARGAS, H. C. Centralidade revisitada: as territorialidades do terciário na era digital. **VIRUS**, n. 24, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v24/585/585pt.php>. Acesso em: 04 jan. 2024.

WHITACKER, A. M. Centro da cidade e novas áreas centrais. Uma discussão a partir de São José do Rio Preto, Brasil. *In*: FERNANDES, J. A. R.; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CEGOT, 2013. p.283-299.